

ESPECIAL 8
Outubro de 1981

UMA GREVE PELO DIREITO AO TRABALHO: FIAT 1981



Aconteceu

CEDI

Centro Ecumênico de Documentação e Informação

Rua Cosme Velho 98 fundos 22241 Rio de Janeiro
Av. Higienópolis 983 01238 São Paulo

Aconteceu
O que é?

É um boletim semanal do CEDI onde se encontram os fatos destacados da imprensa diária. Dirige-se aos trabalhadores do campo, aos operários, aos índios, às lideranças sindicais, aos agentes de pastoral visando informá-los o que se passa no Brasil, tocando, direta ou indiretamente, suas lutas e suas áreas de atuação.

Assinatura anual do Aconteceu

Cr\$ 300,00 pagáveis em cheque no Rio para Tempo e Presença Editora Ltda.
Caixa Postal 16082
22221 Rio de Janeiro RJ

Assinatura de apoio
Cr\$ 1.200,00

Preço deste Aconteceu Especial
Cr\$ 100,00

Tempo e Presença Editora Ltda.

Diretor
Domício Pereira de Matos

Conselho Editorial
Carlos Alberto Ricardo
Letícia Cotrim
Zwinglio Mota Dias
Carlos Rodrigues Brandão
Jether Pereira Ramalho
Eliseu Lopes
Henrique Pereira Júnior
Carlos Mesters
Beatriz Araújo Martins

CEDI
Centro Ecumênico de
Documentação e Informação

Coordenador de publicações
Paulo César Loureiro Botas

Equipe de arte
Anita Slade
Martha Braga

Produtor gráfico
Álvaro A. Ramos

Redatores
Carlos Cunha
José Ricardo Ramalho

Assinaturas e expedição
Eduardo Spiller Penna

Este Aconteceu Especial

Editor
José Ricardo Ramalho

Participação especial
na pesquisa e edição
Beatriz Costa
Francisco Lara
José Sergio Leite Lopes
Maria Rosilene Barbosa Alvi

- 1 INTRODUÇÃO
- 2 A GREVE ATRAVÉS DA IMPRENSA
- 14 DA FNM À FIAT... O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES
- 14 Naquela época tinha aquele bate-papo no "Bafo da Onça"
- 14 Mas a Fiat entrou na rigorosa
- 15 Vem cá, não dá pra trabalhar com 5 máquinas?
- 15 Trabalhar para viver, sim; trabalhar para morrer, nunca.
- 16 A greve de 78: o líder é todo mundo
- 17 Uma greve que já nasceu com uma força muito grande
- 19 Greve de 80: "Não vamos abrir mão da estabilidade da delegação"
- 20 FIAT 81: PEÕES EM GREVE PELO DIREITO AO TRABALHO
- 20 Patrões atiram as primeiras pedras
- 20 A Fiat ia demitir 960
- 20 Uma crise forjada
- 21 Então entramos em greve
- 23 E foi aquele processo todo da greve
- 25 E parecia mesmo um campo de concentração
- 27 Então... a gente ficamos ao sabor das ondas
- 29 A luta da Fiat é a luta que todo mundo tinha que ter apoiado
- 31 A questão da sobrevivência e a luta na fábrica
- 32 SINDICATO DOS METALÚRGICOS: ENTRE OS PEÕES E A FIAT
- 32 Essa greve só está dando prejuízo ao sindicato
- 32 A expulsão do sindicato: de agredidos a agressores
- 32 4 horas de terror
- 34 AVALIAÇÕES DA GREVE
- 34 A greve alertou o operário que está sendo demitido
- 35 A demissão da comissão é a única derrota
- 35 Politicamente, uma greve vitoriosa?

FIAT 81: PEÕES EM GREVE PELO DIREITO AO TRABALHO

Patrões atiram as primeiras pedras

Comando

O Juvenal foi o primeiro companheiro que eles mandaram embora. Esse cara vinha tendo uma atuação dentro da Fiat que obrigou a fábrica a gastar 11 milhões de cruzeiros. Para a gente, 11 milhões de cruzeiros é nada mais nada menos do que uma folha de pagamento durante 11 anos. Para a Fiat, era uma boa verba que ela ia ter que repor e tal. Então como é que ela ia fazer para recuperar esse dinheiro? Era simplesmente mandando o Juvenal embora que era o cara que estava criando problema para ela. Quer dizer, criando problema para a empresa e melhor situação de trabalho dentro da oficina para o trabalhador. Então a única maneira de tirar essa pedra do caminho era mandar o Juvenal embora.

Então mandaram ele embora no dia 24 de dezembro ao meio dia em ponto, na hora em que estava encerrado o expediente de todo mundo que só voltaria a trabalhar 36 dias depois porque ia entrar em férias coletivas. Quer dizer, isso daí dificultou inclusive da gente criar um movimento dentro da fábrica.

Por outro lado, veio a demissão do Leal no dia 6 de março — que era sexta-feira depois do Carnaval. Estava todo mundo duro, desmobilizado... O pessoal tinha vindo de férias coletivas, trabalhou fevereiro e logo veio o Carnaval. Sendo que ficou sem receber dinheiro desde o dia que saiu de férias, quer dizer, 66 dias sem receber dinheiro, quando recebeu estava todo mundo duro. Como então fazer um movimento para readmitir o Leal? Não tinha condições.

A Fiat ia demitir 960

Comando

Por um lado, eu queria dizer uma coisinha sobre o nosso esquema de organização. Esquecemos de focar o sistema de infiltração que a gente tinha no meio da diretoria da fábrica.

Foi a forma mais correta da gente colher dados deles, colher inclusive os quadrimestrais de programação, de produção, tudo isso. A gente conseguia isso se infiltrando no meio deles, como um João-ninguém, um santinho querendo simplesmente conversar e colhia da mesa deles dados importantes. Olhava assim, a mente, fotografava e depois reproduzia aquilo tudinho. Quer dizer, foi mais um esquema que a gente conseguiu organizar para combater, lutar mesmo contra eles.

O outro lado era a gente se infiltrar no cérebro da fábrica, que é contabilidade e programação geral. A contabilidade financeira estipulava o que que a Fiat tinha que dar, o que a Fiat poderia dar ou quanto ela poderia gastar. E tudo aquilo a gente levava para os trabalhadores. Conseguimos descobrir dentro da sala de um advogado da própria empresa, que a fábrica teria um reembolso equivalente ao ano anterior, de 800 milhões de cruzeiros de incentivos fiscais. Isso aí, esses 800 milhões de cruzeiros, o que é que significam para a gente? É o dinheiro que o governo dá à empresa para ela pagar a folha de pagamento dos trabalhadores. Com esses 800 milhões daria para pagar os trabalhadores durante oito meses. Quer dizer, a Fiat só tinha responsabilidade de pagar quatro meses para concluir o

ano. Dentro desses quatro meses, operários recorreriam ao INPS, operários entrariam em mês de férias... Quer dizer, ela teria aí três meses somente para cobrir com o dinheiro dela. E os lucros onde é que iam?

Então, a gente se infiltrava e descobria mesmo; onde a gente tinha força para lutar contra os patrões, era em cima dessas infiltrações dentro dos setores. E antes da fábrica demitir os 185, nós da comissão vínhamos parando no portão da fábrica e animando o pessoal: “a Fiat diz que vai demitir 30% do quadro, 30% do quadro representa 960 trabalhadores”. Não era os 300 companheiros que acabou sendo os demitidos, era para ser 960.

Uma crise forjada

Comando

Isso que a Fiat ia fazer é comprovado mesmo. Numa reunião que nós fizemos com os patrões, eles disseram: “a fábrica tem que ser reduzida em 30% porque a gente não está aguentando”. Criaram lá uma situação de crise econômica; a gente discorda e provamos para eles e para o Tribunal o que é que discordamos.

Comando

Inclusive essa crise é tão forjada que, por exemplo, a gente sabia que já tinham mais de 1.000 caras inscritos para entrar na fábrica, e que já tinham feito teste e estavam aguardando chamada. Inclusive, no primeiro dia de greve, tinha muitos desses caras no portão da fábrica para pegar o primeiro dia de trabalho.

Quer dizer, é a substituição de mão-de-obra, a rotatividade. Já tinham 1.000 inscrições prontas e esses 1.000 iriam substituir os 960 que seriam os 30% que iam ser demitidos.

Quanto à substituição, não há problema porque a rotatividade de mão-de-obra inclusive favorece a muitos trabalhadores. Mas por outro lado a gente vê, o cara hoje ganha Cr\$ 30.000,00. A fábrica demite 960 desses caras e readmite 1.000 ganhando o que? Cr\$ 10.000,00, Cr\$ 15.000,00; ou às vezes ganhando o piso salarial que passou agora para Cr\$ 10.600,00; e os 960 que ganhavam Cr\$ 30.000, ela ia botar na rua, tranquilo.

Comando

Essa questão do lucro que você colocou é importante. Eu acho que é o seguinte: é uma crise fajuta realmente, que não existe. Haja visto que a Fiat, em 79, recebeu 800 milhões de incentivos fiscais, do governo justamente para que não mandasse ninguém embora. E ela fez justamente ao contrário. A gente avalia em 800 milhões a folha de pagamento do ano todo.

Por outro lado, a Fiat demite realmente aqueles caras que já não produzem mais — ou melhor — não produzem mais não, produzem ainda, mas não produzem no ritmo dela. Quer dizer, são companheiros que ficaram doentes pela própria questão do trabalho, da insalubridade, de um ambiente ruim de trabalho que ela tem para a gente lá dentro. Então os caras começam a ficar doentes no trabalho mesmo, doença profissional; e começam ir para o INPS, conseguem, três, quatro, cinco dias de

INPS. Para a fábrica não é importante... Então o cara vai ficando velho, quer dizer, não vai seguindo o ritmo de produção que ela impõe; e aí a fábrica demite ele, e com um agravante; ela demite sobrecarregando os companheiros. Se a Fiat demite dez, ela nunca readmite dez, ela readmite quatro com um salário menor. E, além disso, sobrecarrega os trabalhadores que ficam lá dentro: o cara tem que trabalhar três, quatro, cinco máquinas sozinho; ele bota uma peça na máquina, quando chegar na quinta máquina, ele já tem que corre rapidinho para a primeira.

Então, na realidade, a crise que ela alega não é crise; ela demite realmente para diminuir a folha do salário e continuar mantendo o ritmo de produção. A única diminuição de produção que teve foi simplesmente a transferência da fábrica lá para Betim. Aqui no Rio, a gente calcula até que a produção tenha aumentado; a linha de montagem aumentou que é uma coisa louca. O operário cansado fica doente por causa do ritmo da produção, o cara não tem nem tempo de ir no banheiro, pô. Eu acho que isso são coisas importantes da gente colocar porque eu acho que é a própria fábrica, a própria repressão (que é intensa realmente) é que leva os operários a se organizarem. A gente tem necessidade de se organizar, e que seja uma organização assim independente. Porque, esse sindicato aí que é só do pelego atrelado não mostra alternativa nenhuma para o operário. Então o que é que o operário tem que fazer? Realmente procurar a alternativa dele próprio.

Peão

E nas greves, o que foi que houve? Foi uma firma que se diz estar em decadência aguentar 40 dias de greve (e aguentaria mais), e as outras firmas que se dizem decadentes ajudando também essa firma a não ceder o que os operários estavam pedindo... E o que é que os operários estavam pedindo? Não era salário. O que eles estavam pedindo era a estabilidade do emprego ou, pelo menos, a garantia de estar empregado.

A gente vê que o que existe não é uma crise, o que existe é uma política querendo derrubar esta política salarial de agora. É o que parece. Eles acham que essa política salarial não dá uma vantagem para eles ter lucro a curto prazo, eles querem logo ter um lucro X. E quando eles pensam que o INPC vai ser

de 30%, é de 40%, e então eles já têm que tirar do lucro. Então o jogo deles é nessa base de jogar abaixo essa política salarial e de começar de novo os aumentos só de ano em ano.

Então entramos em greve

Comando

Então a gente continuamos estudando a forma de um movimento. Mas essa greve pegou a gente de surpresa porque a gente não estava pensando puxar essa greve naquele momento em que ela foi feita. Mas a Fiat se precipitou em demitir 250 trabalhadores — sendo 130 no início do ano e mais 55 no dia 29 de abril. A gente conta 250 porque contando desde 1º de janeiro para cá deu 250. Então a Fiat fez essa burrada; a gente diz burrada porque patrão que seja inteligente jamais iria aproveitar uma época dessas (29 de abril) para demitir. Ele fazer um lance desses sabendo que o dia 1º de maio era um dia nacional — mundial, aliás — de luta do trabalhador, o que é que ele estava querendo? Ele estava arriscando uma faca de dois gumes para ele, ou corta ou é cega.

Então nós fomos para uma reunião no dia 30 de abril e puxamos a greve. A comissão puxou a greve. Quer dizer, o pessoal aderiu e apoiou, e definiu que o movimento seria a partir do dia 1º de maio — mesmo o dia 1º sendo feriado, daí em diante a gente estaríamos em greve.

Então entramos em greve.

Comando

No dia 29 de abril, fomos mandados embora eu e mais dois companheiros da delegação. Inclusive um deles tinha estabilidade garantida, que eu não tinha.

Como a gente tinha assembléia marcada para o dia 30, no dia 30 de manhã a fábrica montou um esquema para não deixar o pessoal demitido entrar. No portão da fábrica, botaram uns vigilantes, uns cordões para não deixar a gente passar.

Aí começamos a agitação, e entrou todo mundo; e os demitidos ficou circulando dentro da fábrica.

Gozado porque quando fomos no SP, o Fernando Guimarães disse que tinha havido um equívoco, que não tinha dado tempo dele checar a demissão e por isso é que a gente tinha sido mandado embora; mas que a gente podia apanhar os cartões e voltar a trabalhar.

Aí fizemos o seguinte: apanhamos os cartões, marcamos o cartão, e ficamos circulando nos setores da fábrica, agitando o pessoal para a assembléia logo mais e pra já tomar uma decisão de greve contra as demissões. Naquele momento a gente já sabia que era 960 que iam embora.

Aí foi que a assembléia decidiu a declaração da greve.

Peão

No setor onde eu trabalho foi o seguinte: no dia 28 de abril, quando o pessoal iam para o banheiro, viram que tinha sido colocado um aviso de que 185 pessoas seriam demitidas naquele dia, sendo 130 mão-de-obra direta e 55 mão-de-obra indireta. Mas ninguém sabia quem seriam os demitidos. Alguns já tinha sido chamados para comparecer ao SP, e à medida que foi chegando 5 horas, outros também receberam aviso para ir ao SP.

Então o pessoal que eu via por ali já estava com revolta: primeiro, porque era véspera do 1º de maio, Dia do Trabalho, e as pessoas iam comemorar o Dia do Trabalho desempregados. E também era um feriado prolongado. Então os comentários da gente já mostravam uma revolta: "isso é uma afronta". Lá

Giannini na assembléia: crise da Fiat é fajuta



É melhor ser um grevista dentro da fábrica que um marginal na rua

Aos operários, companheiros
Alicerces da Nação
Lançamos um manifesto
De garra, luta, união
Defendendo o direito
De ganhar nosso pão.

Este parte dos operários
De uma multinacional
Arbitrariamente demitidos
Em defesa do capital
Que os gringos querem levar
Lançando-nos no lamaçal.

Somos pessoas honestas
E queremos trabalhar
Derramando nosso suor
Pra nossos filhos alimentar
Mas o patrão com sede de lucro
Não se importa de nos matar.

Os operários do Brasil
Tem o seu sangue sugado
Pela politicagem corrupta
É na miséria jogado
Pelas próprias leis trabalhistas
Tem seu salário roubado.

Nós, os operários da FIAT
De capital estrangeiro
Estamos no mesmo barco
De todos os companheiros
Que por este Brasil afora
Trabalham sem ter dinheiro.

Na época da FNM
Empresa estatal
Éramos 6.000 operários
E tínhamos, bem ou mal
O empregado garantido
Exportando o nacional.

Em 3 anos de impunidade
A FIAT conseguiu
À revelia da justiça
Demitir mais de 3 mil
Aumentando os seus lucros
De forma covarde e vil.

Quando a FIAT italiana
Comprou nossas instalações
Começaram os sofrimentos
Em nossos corações
Instalaram a violência
Iniciaram as demissões.

A FIAT usa a demissão
Como arma mortal
Em época de dissídio
Pra poupar seu capital
Demite 2 que ganham mais
Admite 1 ganhando mal.

Esta arma todo ano
Ela usa impunemente
Sem que o próprio Governo
Defenda a sua gente
Até muito pelo contrário
As arbitrariedades ele desmente.

Pra quem ainda não sabe
As multinacionais
Pagam seus operários
Com incentivos fiscais
E mesmo assim não cumprem
Os acordos salariais.

Os lucros incalculáveis
Eles não querem dividir
E ainda inventam crises
Só pra nos demitir
Nos jogarem na miséria
Sem a crise existir.

No interior da fábrica
Existe um batalhão
De elementos armados
Tendo até capitão
Pra comandar a violência
E manter a repressão.

Em 1979
A violência foi tanta
Que um elemento armado
Prepotente e botando banca
Atirou num operário
Levando-o pra Terra Santa.

Que crise fajuta é essa
Que inventaram agora
Se os vampiros da FIAT
Desfrutam do bom lá fora
Comendo seu caviar
Ganhando milhões por hora.

A alimentação que nos servem
É de má qualidade
Estraga nosso intestino
Não supre a necessidade
Nos provoca diarreia
Esta é a realidade.

Trabalhamos sufocados
Sob insalubridade
Respirando fumaça preta
Em áreas de periculosidade
Sujos de óleo e graxa
É uma grande maldade.

Criam normas de produção
Que nos forçam a trabalhar
Em 3 máquinas ao mesmo tempo
Não podemos reclamar
Várias peças por minuto
Sem direito a descansar.

Até pra ir ao banheiro
Temos o tempo controlado
Se demoramos um pouco mais
O chefe fica irritado
Nos ameaça de demissão
E corte do ordenado.

É uma grande mentira
O serviço social
Só atende italiano
Quando quer capital
O peão quando vai lá
É tratado como animal

Toda vez que a greve
Vai a julgamento
A justiça do trabalho
Tira nosso direito
Defendendo o patrão
Nos declara em delicto.

O operário brasileiro
Vive mal alimentado
Morando entre esgotos
Nas encostas pendurado
Trabalha de sol a sol
E de noite é assaltado.

Aos demitidos de São Paulo
E de toda a Nação
Lançamos este movimento
Firmes na decisão
De alcançarmos a vitória
Com a força de nossas mãos.

Conclamamos os operários
E o povo em geral
A nos dar o seu apoio
Pois nossa greve é legal
Pois lutamos pelo absurdo
De trabalharmos, mesmo ganhando mal.

Poema escrito por um peão da Fiat durante a greve de maio de 1981
contra as demissões de 250 companheiros de trabalho.



Não somos porcas, nem parafusos

se achava uma afronta porque como é que o cara vai aproveitar um feriado desses estando desempregado?

Quando nós chegamos lá fora, na saída, já estava preparada uma assembléia. E ali o pessoal todo já estava mais ou menos revoltado; e ali já começou uma proposta de greve para quando a gente voltasse no dia 4, se os 185 não fosse readmitido.

Contando de janeiro até aquela data, era 250 demitidos; mas no início, a paralisação mesmo foi pelos 185. Depois é que se colocou o Juvenal e os outros.

A fábrica sempre aproveita o natal, as férias, essas datas assim que o pessoal ia ficar um certo tempo em casa, para mandar embora. Eles fazem isso para desmobilizar.

Quer dizer, eles demitiram os 185 na véspera do feriado achando que, assim, desmobilizava o pessoal. E eles achavam também que a comissão interna estava desmoralizada porque fizeram uma reclamação sobre uma alimentação que estava estragada, e depois o pessoal que reclamou levou punição. Também puniram o pessoal que fez a paralisação no dia em que morreu o rapaz lá.

Por isso eles (a direção da fábrica) pensava que não tinha mais ambiente para uma greve; e então fizeram aquela demissão dos 185. Eu acho que eles fizeram como um teste, não sei. Mas deve ter alguém inteligente ali, não é possível que seja todo mundo... não é? Porque fazer um afronto desse é ou provocar ou então não confiar.

Então, naquele dia houve uma pequena assembléia. E quando a proposta de paralisação foi colocada, foi logo aceita.

No outro dia já houve uma assembléia maior. A gente veio trabalhar. A proposta era para a gente marcar o cartão e ficar parado, "máquina parada, braços cruzados".

Peão

Na minha seção — que é dos operários mais antigos — nós trabalhamos o dia 4 todinho. Só parou dia 5, quando o pessoal dos outros setor parou e saiu.

A minha seção parou porque as outras seção parou; porque se não não parava, ali só tinha duas pessoas que tinha vontade de parar: eu e um outro rapaz. Então estava todo mundo trabalhando lá. Inclusive tinha um mulato forte que disse:

— "Eu não paro, pode fazer o que quiser aqui que eu não paro."



No início os patrões não acreditavam

— "É melhor você parar, que se a turma chegar aí vai ter", eu falei.

— "Não, pode vir quem quiser que eu não paro."

Aí apareceu a turma lá e eu disse:

— "Você vai parar ou vai continuar trabalhando? Você é que sabe. Eu já vou saindo. Todo mundo está parado, a ordem é vocês parar, é todo mundo parar."

Aí quando a turma apontou meio braba, o pessoal todinho parou.

E foi aquele processo todo da greve

Peão

A gente ficou duas semanas assim: marcava-se o cartão e se ficava parado; ficava lá dentro da fábrica mesmo, cada um nas máquinas mas totalmente parado. Às vezes ia para o pátio. Nessa época não funcionava nada. Era bate-papo até resolver.

Peão

Mas então eu acho que a greve não foi uma coisa assim forçada não. Foi quase voluntária; não digo em todas as seções, na seção dos antigos pode ter sido mais difícil. Mas foi bastante voluntária.

Depois é que as ameaças foram chegando. E foi enfraquecendo; havia pessoas que queriam trabalhar... de vez em quando um ligava uma máquina, talvez de brincadeira, não sei. Mas quando se ouvia barulho de máquina funcionando, aí a oficina parecia um coro: ô ô ô!

E começou também outras manobras da fábrica. Eles colocaram os ônibus para sair de dentro da fábrica; mas a gente ia esperar o ônibus lá fora. Depois botaram um alto-falante especial a toda altura, para não deixar realizar a assembléia. O alto-falante da comissão era na kombi, quer dizer, tinha um volume baixo; e o alto-falante da fábrica tinha bastante potência; quer dizer, deixavam as pessoas malucas com aquele barulho que não deixava ouvir o que a comissão falava. E começou uma tensão muito grande. Então a própria comissão pediu para eles

parar com aquilo; e eles acabaram aceitando, porque era a força da massa mesmo pedindo...

Depois veio também o policiamento. Era vários choques da polícia militar que ficava lá o dia todo à disposição... Eu acho uma coisa incrível como é que se gasta dinheiro com aquele policiamento todo ali, enquanto os marginais estavam roubando, assaltando bancos. Eles dizem que no Rio há carência de policiais. Mas só ali, disponível, tinha 3 ou 4 choques, sem contar esses carrozinhos pequenos, essas rádio-patrolha que estavam lá só de sobreaviso, rodando, esperando uma chamada.

Peão

No início não tinha piquete, porque a greve foi decretada legal. Mas depois que alguns começaram a furar a greve, acharam conveniente fazer o piquete. Todo dia de manhã, a turma chegava lá cedo e espalhava as bicicleta todinha cercando a frente, outros cercavam o outro portão.

Aí foi aumentando o número de polícia.

O pessoal (que queria trabalhar) já quase não ia, porque sabia que ia e voltava.

Comando

A gente vinha recebendo pressões na porta da própria cada da gente. Eu lá em casa tinha dia de acordar de manhã e sair pelo portão dos fundos para poder pegar a outra rua. É que na porta da frente tinha um camburão e... nunca houve policiamento naquela rua. Desde o começo da greve havia essa repressão lá em frente do meu portão; quer dizer, eu tinha que sair pelo portão dos fundos, sair na outra rua, e ir embora apanhar ônibus na estrada do outro lado; aí eles não me viam sair. Às vezes eu tinha necessidade de sair de carro para apanhar outros colegas e não saía; chegava atrasado e mandava outro colega buscar o carro lá em casa. Ele chegava lá 8, 9 horas quando a repressão já estava relaxada.

Comando

E foi aquele processo todo da greve. O Pimentel, no primeiro dia, não quis assumir a greve. Depois, por pressão, ele acabou assumindo. E a gente, dali para frente, obrigamos que ele nos desse uma sala no sindicato para a gente fazer o nosso comando de greve.

O comando de greve foi organizado em quatro setores: setor de propaganda, setor de alimentação, setor de finanças e setor de organização.

No início da greve, a gente ficou uma semana dentro da fábrica, a primeira semana foi de greve interna. Inclusive, no segundo dia, os patrões lançaram um panfleto dizendo que não acreditava que a greve passasse de dois dias, que eles nunca acreditariam que o peão entrava dentro da fábrica, mudava de roupa, botava seu uniforme de trabalho e ficava perto das máquinas olhando para as porcas e parafusos sem fazer nada, quer dizer, sem retornar ao trabalho.

Então a gente ficou circulando a fábrica toda. O dia todo, a comissão circulava na fábrica, rodando os setores, batia papo com os companheiros, fazia aquelas reuniões nos pavilhões e tal. Aí decidimos o seguinte: "bom, para vocês não terem mais pressões de chefia, sabe o que vocês fazem? Vocês arrumam uma bola e vai jogar bola, pega o seu baralhinho..." Aí, no final do segundo dia, transformaram a fábrica numa área de lazer! Era torneio de futebol, torneio de pelada, futebol de salão, campeonato de sueca, mesa de pingue-pongue, fizeram isso tudinho lá.

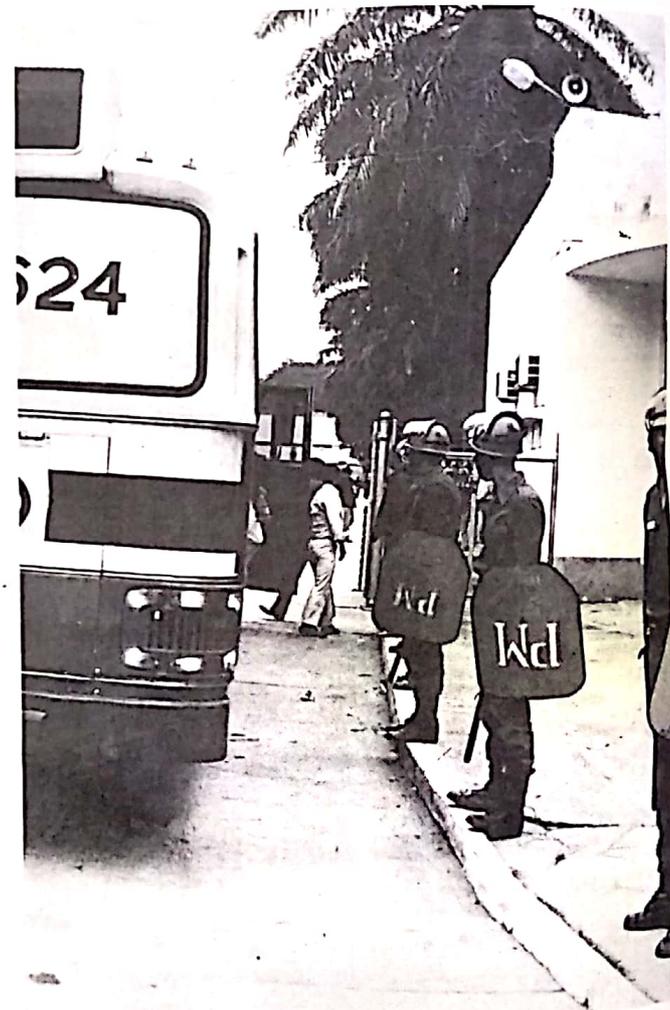
Nos primeiros dias, a gente teve uma série de problemas com a repressão. Tem um setor — que era o mais reprimido — onde o chefe dizia: "não, eu garanto vocês, vocês podem trabalhar que

eu garanto". E quando a gente chegava lá e perguntava se ele garantia mesmo, ele não tinha resposta para dar...

Aí a gente dizia: "mas a gente garante você; na hora que o facho vier, você vai também!" Este é o setor dos inválidos; é um setor que o companheiro não tem condições de ficar mais ali; adoeceu, então os patrões jogam para lá, fica ali naquele setor como sucata até mandarem embora.

Então a gente teve esse tipo de coisa que a gente colocou, e que é o seguinte: esse ano a gente decidiu que a pelegada não comandava a assembléia, quem comandava era a peãozada e a comissão interna. Então os pelegos não tinham tanto espaço para falar na assembléia porque quem comandava era a peãozada e a comissão.

A estratégia da Fiat foi apelar para o seu braço armado



Peão

Nos primeiros dias da greve, a gente entrava na fábrica e não trabalhava.

Depois não podia mais entrar dentro da fábrica.

Mas todo dia de manhã a gente comparecia lá, tinha assembléia. Todo dia a gente passava na fábrica, para saber o que estava acontecendo.

Depois da assembléia, o Giannini convidava o pessoal para ir ao sindicato trabalhar, passar bônus. Alguns iam; eu ia sempre.

Outros que não tinham vontade de trabalhar, iam embora para casa. Os que mais reclamavam que não tinham o que comer, que não tinham dinheiro é que iam embora para casa.

Peão

O pessoal dos piquetes ficava no piquete até quase o meio-dia. Tinha piquete para cercar o fura-greve, que sempre tem fura-greve, não é?

Todo dia, na assembléia, era lembrado: “quem vai ficar amanhã no piquete?”

De vez em quando, tinha acidente. Uma vez machucaram um rapaz lá, saiu cacetete. Inclusive teve um dia que a polícia fez uma confusão lá, e ainda não tinha nenhum apoio, nem fotógrafo, nem a Globo, nem a Bandeirantes.

Peão

Durante a greve, as coisas eram decididas assim: a comissão fazia uma proposta e botava em votação. Se o pessoal estava favorável, tudo bem. Se votava contra... Mas geralmente era favorável, porque quando eles colocavam, já colocavam coisas que correspondiam. Porque enquanto a gente dormia, eles ficavam acordados, bolando como é que seria o contra-ataque no dia seguinte. Quer dizer, a gente ia para casa parece que despreocupados, mas não ficava despreocupado não. Eu chegava a sonhar com a greve, aí acordava, sentava, parecia que estava ouvindo aquele “1, 2, 3, 4, 5, mil”. A gente não fica despreocupado mesmo.

E a comissão também não dormia. Eles sabia que a fábrica ia montar um esquema e então ficavam bolando a forma de bloquear, de furar aquele esquema. Ficavam a noite toda bolando. Por isso é que já estavam mesmo se esgotando, não tinham mais voz, já estavam chegando ao fim da resistência.

Mas quando eles colocavam uma proposta para a assembléia, eles já tinham também informação: eram informações dadas por pessoas que entravam na fábrica e depois diziam como é que estava o movimento lá dentro. Dentro mesmo das linhas de ônibus da Breda, tinha pessoas que conseguiam informações dentro da fábrica e depois passavam para a Comissão.

Então, todo tipo de armação que a fábrica fazia, não pegava a Comissão desprevenida. A única que pegou ela desprevenida foi essa manhã, que eles mandaram os ônibus que chegavam entrar direto dentro da fábrica; e que a comissão aí entrou também, veio a polícia.

E parecia mesmo um campo de concentração

Comando

Não fomos nós que decretamos o fim da greve. A gente já sentia que a greve poderia se esvaziar mediante a repressão policial. Eles armavam um esquema de funil onde eles iam afinando da frente da rua para o portão da fábrica. Os ônibus chegavam, encostavam na boca do funil formado por uma unidade da PM, os trabalhadores desciam e não tinham como sair da

quela corrente que ia dar dentro da fábrica. Alguns saiam, voltavam e saiam no peito.

Mas por outro lado, a gente sentia que através desse funil que a polícia fazia, o trabalhador descia do ônibus e só tinha uma seguiação: ou voltar para dentro do ônibus, ou seguir direto para dentro do portão da fábrica. Voltar para dentro do ônibus não conseguiam mais porque os que vinham descendo levavam ele de volta; e quando descia o último, o motorista fechava logo a porta de comum acordo com a empresa.

Peão

Aí a comissão teve que entrar no peito para dentro da fábrica. O Luiz mandou a turma entrar e, pensando que todo mundo entrasse, ele entrou. Mas os que estavam a pé, que não foram nos ônibus (porque os ônibus é que entravam e só paravam lá dentro), não puderam entrar, a polícia não deixava. Então ficou metade lá dentro e metade cá fora do portão. Eu cheguei no ônibus, então eu tive que entrar. Aí fomos lá para dentro do pátio e começamos a se reunir lá. Mas depois achamos conveniente reunir cá fora, quer dizer, dentro da fábrica mas em frente ao portão. Quando chegamos cá fora, já tinha aquela cerca de polícia; aí a comissão ia conversar com os homens, voltava, e não se decidia nada.

A fábrica marcou o almoço para meio dia e meio; quando deu meio dia e meio, o almoço passou para uma e meia. O pessoal da administração que estava trabalhando e a chefia tiveram almoço na hora normal, e nós ficamos lá com fome. Os que tinham ficado fora do portão queria dar pão, sanduíche para a turma de dentro comer, mas o guarda da fábrica não deixou passar.

Peão

Bom, então estava aquele movimento todo, e chega choque, e sai. Mas para mim, a parte mais dramática da coisa foi exatamente a hora em que o Capitão Frazão entrou lá dentro do escritório, voltou, depois entrou novamente e aí... chegou aquele outro choque da polícia e entrou. A gente pensava que esse ia substituir o outro que estava ali o dia todo, com fome, sem beber água, sem nada; estava pior do que a gente, porque a gente sentava, levantava, e eles ficavam lá parados. Então a gente pensava que o choque que chegou vinha substituir esse.

Mas daí a pouco eles vão fazendo aquele cordão assim e vão cercando a gente. Aí todo mundo levantou e o Luiz disse: “espalha, espalha...”, e todos começaram a correr. E o capitão: “pára, pára”, gritando naquele tom alto. O Giannini correndo e ele gritando: “pára, pára Giannini, pára”. E a gente teve que parar porque não tinha jeito. A gente estava pensando que tinha jeito de sair lá pelos fundos, que lá tem outro portão ou então daria para pular o muro. Mas de lá vinha também outro choque que foi juntando com o que estava cá na frente, foi fechando a gente assim, então todo mundo teve que parar mesmo.

Aí o capitão perguntou:

— “Eu estou no meio de trabalhador ou não estou?”

E um peão respondeu assim:

— “Infelizmente, porque no meio de marginal o senhor não estaria”.

Aí um policial segurou no braço dele, segurou forte, ele puxou, eu sei que arranhou o braço dele.

Foi aí que o Giannini foi para a frente e falou:

— “É verdade que vem um caminhão aí?”

E o capitão:

— “É verdade sim, mas não queremos nada com vocês não, nós só queremos conversar. Vamos conversar lá fora.”

O Giannini falou:

— “Não, nós vamos conversar aqui dentro. Depois que eu colocar o que eu tenho para colocar para os companheiros aqui é que eu vou sair.”

Mas o capitão disse:

— “Não, vamos lá para fora, tem que ir, para fora.”

E o Giannini:

— “Só vou sair depois que conversar com os companheiros aqui.”

E foi para junto do paredão que tem lá e a gente foi também.

Mas o capitão ainda disse:

— “Olha, primeiro quero dar um aviso a vocês aí. Tem mais 49 que foi demitido. Vamos lá para fora que lá fora vou dar a relação dessas pessoas que foram demitidos agora.”

Então o Giannini tremeu de raiva. Ele pensou que a polícia é que tinha dado a sugestão para a fábrica fazer mais essas demissões, para resolver o problema. Ele achou isso porque eles entravam no escritório com papel, saía, tornava a entrar...

Então, lá dentro, o capitão disse que tinha 49 demitidos, mas ele não falou quem era. Não disse que tinha os 10 da comissão entre esses 49. Isso a gente só foi saber lá fora, quando ele leu os nomes.

Comando

Estou esquecendo de um detalhe. O próprio coronel Frazão da PM de Caxias é outro cara que devia ter dignidade de ser um militar, e não participar de pactos sociais com o patrão. Porque ele mostrou claro o que a própria PM é. A PM é mais uma força que os patrões têm ao seu lado para reprimir os trabalhadores. Isso a gente já sabia de cor, mas na prática a gente tinha que ter certeza mais uma vez. Isso é uma vergonha. A própria PM da Bahia fez um movimento grevista reivindicando melhores condições de trabalho e de salário para sobreviver; agora vem um canalha desses aí, o coronel Frazão, chega lá e, porque é coronel, se reúne com os patrões, com os pelegos, com o Ministério do Trabalho, e forja uma situação de mandar os trabalhadores embora.

Inclusive a leitura dos 49 demitidos — por aí você vê — foi feita por um militar, pelo coronel Frazão. O próprio coronel fez essa leitura.

Peão

Isso foi no penúltimo dia de greve, quer dizer, praticamente o último porque no dia seguinte já entrou uma parte de gente e aí dividiu...

O cerco da repressão dentro da fábrica



Mas naquele dia estava mesmo a paralisação total. E a gente lá dentro da fábrica ficou igual um campo de concentração. Uma parte cá fora também em frente ao portão; e a polícia com aqueles escudos, fazendo um cordão, um cinturão, de frente pra gente.

E durante o dia todinho foi aquele movimento de polícia: chega polícia, volta, chega um e vai no escritório, volta, e entra, e sai. E aquele cordão policial ali... Eles deixavam a gente se movimentar, podia até passar entre eles, não tinha problema não, eles não tocava em ninguém, não conversava com a gente. Só pediam para a gente não conversar com eles. Entre si, até que eles conversavam, mas pediam que a gente não conversasse com eles.

Mas a gente via que eles estavam ali mesmo porque era uma missão. Eu acho até que, para muitos deles, aquilo ali era um dos primeiros trabalhos, era pessoas que estavam entrando na polícia naquela época, era recrutas. A gente estava vendo que muitos são grosso mesmo, não têm aquela tarimba.

Enquanto isso, eles telefonaram e veio outro choque. O choque manobrou assim... e o pessoal que estava lá fora pensou que a gente que estava do lado de dentro do portão ia ser exterminado ali, na hora. Um das donas começaram a chorar; inclusive uma delas, uma crente, fez uma mensagem para o filho, dando coragem para o filho que estava lá dentro. E parecia mesmo um campo de concentração.

Peão

A turma mandou comunicar em casa, pela Rádio Globo ou pela Bandeirantes, não sei, que os que tinha entrado na fábrica talvez ia dormir lá. E o repórter da 1 hora deu esse aviso às esposas dos funcionários da Fiat Diesel do Brasil. Avisou que “devem se encontrar 900 pessoas dentro da Fiat; e não vão sair hoje”. Mas não falaram quais os que estavam presos dentro da Fiat. A minha mulher ouviu esse repórter, e ficou preocupada...

Peão

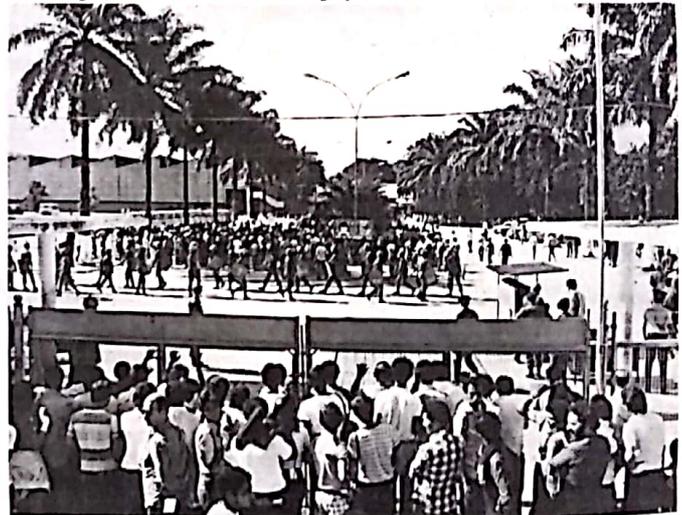
Agora, tudo isso aí foi a última estratégia da fábrica. E conseguiu, funcionou.

De manhã, ela mandou os ônibus entrar para dentro do portão da fábrica; a polícia fazia sinal para os carros entrar. Inclusive o Luiz viu os carros entrar.

A fábrica mandou os carros entrar, mas já sabia que não ia dar almoço para esse pessoal.

E naquele dia, teve chefia lá dentro que ligou as máquinas.

Fim da greve: uma verdadeira ocupação militar



Última Hora, RJ

Então, lá fora, depois que leu aquele boletim com os nomes do pessoal que estava sendo demitido, muitos já começaram a falar: "Amanhã eu vou entrar, amanhã eu vou entrar".

Mas eu acho que nessa hora o pessoal devia começar a pensar de uma outra maneira; quer dizer, se a fábrica está mandando embora 50, ela vai mandar embora mais 50. Então a gente tinha que reunir, fazer uma boa assembléia ali para ver como ia ficar. Mas o pessoal todo amedrontou...

E realmente, hoje, a fábrica já começou a mandar gente embora de novo.

Quer dizer, naquele dia ela fez aquilo justamente para acabar com a greve. Ela jogou nós para dentro da fábrica, jogou polícia em cima de nós, deixou nós sem comida, fez cerco de nós com a polícia, tudo isso para desarmar a gente. Ela fez isso como estratégia; e realmente funcionou, infelizmente funcionou.

Peão

A jogada deles nesse dia não era tanto pôr o choque da polícia para dentro da fábrica. A jogada deles era o operário entrar e olhar no quadro um aviso que tinha lá: "procure seu cartão com o chefe". Aí o operário vai falar com o chefe e o chefe, naturalmente, ia conversar ele e ele começava a trabalhar.

E eles também colocaram a vigilância e bombeiros dentro das oficinas como um tipo de segurança para o operário trabalhar. O chefe falou comigo assim: "você não estão reclamando por causa de falta de segurança? A segurança está aí, para apoiar vocês". Ficava um guarda no banheiro, um na oficina, para o cara trabalhar. E a chefia ligou as máquinas.

Então... a gente ficamos ao sabor das ondas

Comando

Então... a gente ficamos ao sabor das ondas! A reunião que a gente teve depois do ato ecumênico foi uma reunião dramática; a gente entrava em choque porque estava cansado, sem condições de ter uma visão maior e tendo que levar uma proposta no outro dia de manhã. Tinha que levar uma proposta para o pessoal da base, quer dizer, para a massa toda que estaria reunida lá.

E como critério para essa proposta, a gente avaliamos outras coisas. Avaliamos, por exemplo, a repressão que a gente estava encarando e que não estava preparado para ela. Pelas nossas próprias limitações, a gente não tinha esquema de segurança como, por exemplo, teve no ABC onde os companheiros foram avisados, corriam, sabiam onde se encontrar. A gente não tinha isso, não tinha nada de esquema de segurança.

Avaliamos o problema dos 50 demitidos, que não eram só os companheiros mais combativos. Dentro dos 50 tinha os 11, mas tinha também companheiros com 30 anos de casa... E era uma responsabilidade muito grande, a gente teria que pensar nisso também porque a demissão dos 50 não tinha ainda saído no Diário Oficial.

Então qual seria a nossa proposta? Garantir que os 50 entrassem dentro da fábrica, acreditando mais uma vez na justiça. Uma ingenuidade nossa que já tínhamos sido empurrados pela justiça! Porém, mais uma vez acreditamos que a Justiça ia realmente entender a proposta que a gente colocou para o pessoal: a firma demitiu os 50 no dia 9 de junho e as demissões só saíram publicados no Diário Oficial no dia 10. Mas no dia 9, o tribunal julgou a improcedência das reivindicações, julgou que eram ilegais — e isso pressupunha que as demissões também se-



Trabalhadores queriam continuar greve pela readmissão do comando

riam ilegais. Então o que é que aconteceria? A gente voltaria a trabalhar, todos os funcionários juntamente com os 50; e a gente convocava uma assembléia para o dia 17 de junho, quarta-feira, e nessa assembléia realmente a gente decidiria novamente o que fazer. Quer dizer, a gente daria um descanso, porque a correlação de forças naquele momento era totalmente contrária à gente. E a gente não podia colocar em risco uma série de coisas na medida em que não estávamos com apoio político.

Comando

Quer dizer, a gente estava sentindo que a greve não estava para se acabar normalmente, ela estava sendo acabada, esvaziada. Estava sendo esvaziada pela repressão da própria polícia e pela organização que os patrões fizeram junto à FIRJAN, FIESP... O outro problema foi, como o companheiro falou, de alguns companheiros que foram demitidos com 30 anos de casa. Ele esqueceu inclusive de frisar que os companheiros que foram demitidos — não só os que já tinham 30 anos de casa, mas também os que tinham 3 anos, 4 anos — nunca imaginavam de receber uma justa-causa desse nível; para eles foi uma facada. Para a gente não, a gente está na luta e tem que esperar o que der e viver. Então, alguns desses companheiros desmaiaram na hora, foram socorridos no hospital. Eu mesmo saí bambo, carregando o meu Mário no carro, quase atropelou um outro na frente...

É nesse nível que se deu o esvaziamento da greve da Fiat. Ela não foi acabada pelo comando, e sim acabada pela repressão patronal e pela repressão policial que estava dando todo o apoio ao patrão, junto com o Ministério do Trabalho.

Comando

Inclusive a proposta de volta ao trabalho, era para que o movimento não acabasse esvaziado e o pessoal brigando entre si dentro da fábrica, porque aí um ia acusar o outro que voltou primeiro, que é fura-greve, que isso e aquilo. A gente sabe que isso podia acontecer; e a gente estando fora da fábrica, iria ser um prato feito para os patrões acabarem de desorganizar o pessoal dentro da fábrica. Então quando a gente fez aquela proposta de voltar ao trabalho, era para que pelo menos todo mundo voltasse ao mesmo tempo de uma só vez, para não ficar brigando lá dentro.

Comando

A proposta de voltar a trabalhar foi realmente um negócio dramático. Aquele último dia, o dia 11 de junho, eu vou te contar, foi um dia dramático. A gente ficou o dia inteiro no sol, até às 3, 4 horas da tarde, sem comer, o pessoal desesperado e a gente desesperado porque a nossa proposta foi reprovada pela massa... Mas a gente tinha estado de manhã na porta da fábrica e visto muito trabalhador entrando. Até aí, quem a gente via entrando era da administração, e ninguém esquentava a cabeça com isso. Mas nesse dia, a gente viu realmente muito trabalhador entrando. E muito trabalhador entrou conversando antes com a gente: "olha, não tem jeito, nós não aguentamos mais, nós vamos trabalhar, vocês desculpa, a gente tem problema, a gente está com vocês, mas nós não aguentamos mais, nós vamos trabalhar..."

Comando

Inclusive eu chorava de raiva de ouvir aquela proposta. No dia em que a gente discutia essa proposta de levar o fim da greve por isso, por isso e por isso, eu mesmo fui um cara insistente em dizer: a gente não pode lançar essa proposta. Eu achei que a greve deveria se esvaziar normalmente. Por outro lado a derrota seria pior. Derrota econômica e mais o esvaziamento normal da greve, seria pior para a gente.

Comando

Então foi uma série de coisas, que a gente não tinha saída, não tinha alternativa. E não tendo alternativa, também não soube-mos colocar para a peãozada lá, no dia seguinte; a própria questão emocional fez a gente não saber. O Luiz é um companheiro que sempre se coloca bem, os companheiros estão cansados de ouvir ele falar, ele tem uma oratória que capitaliza a atenção das pessoas. Naquele dia lá, ele foi o primeiro a falar para os peões, mas... ninguém estava entendendo o que ele queria dizer, e ele levou até vaia. O pessoal queria mesmo é que continuasse a greve.

Comando

Exatamente. Agora, eu acho que o comando não colocou com convicção a sua própria proposta. Realmente, de todos os movimentos que teve na Fiat, foi a primeira vez que a gente teve que colocar uma posição de recuar. A gente não tinha experiência de recuar, essa é a verdade. Então, realmente o Giannini defendeu muito mal a nossa proposta, porque quando a gente chegou de manhã para fazer a assembleia, e olhou para a cara dos peão, não tinha ali quem tivesse coragem de defender aquela proposta.

E quando a gente olhou para a cara do peão de manhã, realmente o Gonçalves chorou; eu sabia que não tinha condição mas por mim a greve tinha continuado; você olhava para as caras dos peão, era nêgo chorando por todo canto, puta-que-pariu; por isso, quando a gente colocou a proposta, foi assim um verdadeiro cemitério. Então o cara que estava defendendo uma proposta daquela ali, porra, não tinha como ele defender

um negócio daquele. O único jeito foi a gente tentar puxar palavra de ordem; mas não dava para sair da greve. E foi decidido ali, naquele dia, que a greve continuaria.

Comando

O comando lançou a proposta de finalizar a greve justamente por avaliar que a greve não estava acabando normalmente e sim estava sendo acabada pela repressão, foi um tumulto tremendo; os próprios trabalhadores, na hora de votar, votaram contra a proposta do comando. Renunciaram à proposta do comando e lançaram outra proposta: "Nós vamos continuar com a greve até que vocês sejam readmitidos".

Comando

Mas a gente também tem que levar em conta que quem mais radicalizou pela continuidade da greve naquele dia foram os demitidos: os 50 caras demitidos por justa causa, mais aqueles outros demitidos anteriormente e que estavam com a gente ali fora. Esses caras estavam desesperados porque estavam vendo a greve acabar, com eles derrotados, a gente tudo derrotado. Eles estavam fodidos mesmo. Então os caras radicalizavam: "tem mesmo é que continuar essa porra". E só aí já era mais de 60 caras que levantava o braço, pela continuidade da greve; e o resto, tudo doido também, levantaram o braço. Mas nós do comando estávamos avaliando que não tinha condição de continuar o movimento.

E quando a gente foi para a porta da fábrica no outro dia de manhã, foi exatamente o que a gente pensava: estava entrando mesmo muito peão. Aí não teve outra saída a não ser a gente conversar com o pessoal: "ó pessoal, temos que entrar, não tem jeito, está todo mundo entrando, se não..."

Quer dizer, foi aquilo que a gente pensou, ou seja, a radicalização do dia anterior foi feita mais pelo pessoal demitido. Tinha realmente um grupo de trabalhadores, uns 400 a 500 operários, que iriam ficar com a gente na porta da fábrica; agora a outra parte iria entrar e a gente não ia segurar mesmo.

Comando

A nossa proposta era: "vamos voltar, mesmo aceitando todas as reivindicações derrotadas". O acordo proposto pelo sindicato dava umas coisinhas, dava uma bolsa de estudo, não sei o que e tal. A nossa proposta era o seguinte: tem que voltar mesmo é todo mundo derrotado para que o movimento possa continuar e, em agosto, ter condição de se levantar. Porque uma migalha, politicamente pode até ser pior do que você voltar com uma derrota total. Para a gente, era importante não perder a dignidade do movimento; porra, a gente brigou 42 dias por uma coisa e no final o pessoal te dá uma esmola?..

Comando

É incrível, mas até hoje os trabalhadores da Fiat não se convenceram de que tinha que voltar a trabalhar, porque o pessoal realmente estava com disposição de continuar a greve. Esse é um problema incrível. O pessoal não voltou esvaziado, voltou foi derrotado; economicamente não tinha condição de continuar e politicamente estávamos isolados.

A luta da Fiat é a luta que todo mundo tinha que ter apolado

Peão
Eu achei que o apoio foi muito bom. A participação das Igrejas, do ABC, a alimentação, a ajuda em dinheiro, foi válido à beσσα.

Peão
Eu sei que veio ajuda financeira de São Paulo, da Itália, do ABC, daqui do Rio. E veio caminhão lotado do Paraná, de Goiás.
E teve também a participação e o apoio do CEDI com o boletim informativo, do movimento operário das pastorais. E aquele culto ecumênico também ajudou um pouco, mas já muito



Ato público no centro de Caxias

tarde. Se tivesse sido antes, seria a salvação, acho que seria uma injeção de ânimo na gente. Eu pelo menos, que assisti, saí confiante que o pessoal no outro dia estaria mais animado. Mas infelizmente foi uma minoria da fábrica que compareceu ao culto, só os que moram ali por perto.

Peão
Um negócio que eu acho importante nessa greve nossa é que a gente sentiu assim a união do povo; o pessoal está mais unido. Porque uma greve que dura 42 dias sem o operário passar sem comida, com dinheiro para pagar a luz, dinheiro para pagar passagem (eles deram dinheiro até para pagar passagem), dinheiro para comprar o gás... A gente não sabia de onde veio esse dinheiro, mas nós recebemos o dinheiro. E mercadoria, tinha lá à vontade. Também não sei como veio essa mercadoria; o certo é que a pessoa ia lá, e toda vez que eu fui lá apanhei duas bolsas de compras.
Então nós sentimos o apoio. Quem deu o apoio, não interessa à gente; eu sei que fomos apoiados.
E aí está o trabalho de bairro, as Igrejas, a Igreja Metodista, toda essa gente que apoiou; até um pessoal que não gostava muito de entrar nessa briga, você vê que agora já está entrando. A gente sente que está havendo união do povo. Para a gente que estuda o evangelho, essa greve eu acho que foi um bom ponto de partida, um ponto de união. Quando a gente fala que Cristo dividiu o pão a gente pensava que era lá naqueles séculos passados! E a gente está vendo que a divisão do pão está acontecendo no meio da gente hoje. Eu acho que esse foi um ponto muito bom da greve. E isso é importante, você vê quantas pessoas saíram de casa para ir participar junto com a

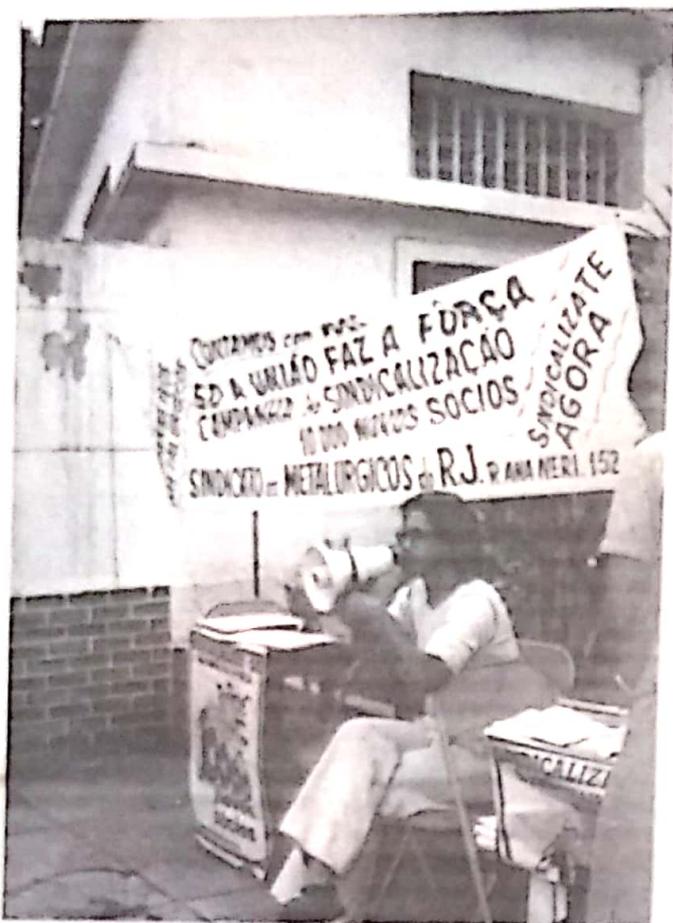
gente — é o caso da esposa do companheiro aqui e muitas outras mais. E isso nunca aconteceu, aconteceu agora. Você vê, senhoras de comunidade subiram em kombi lá e apoiaram mesmo, falaram a fala delas. Eu acho que isso é muito bom. É uma demonstração que o povo está gritando, o povo está chorando, o povo está precisando...

Peão
Houve também o apoio dos médicos que estavam em greve e que atendiam os operários da Fiat. Com a carteirinha funcional, se precisasse de médico, podia procurar qualquer médico em greve que eles atendia. Não atendia outras pessoas, mas o pessoal da Fiat, eles tinham o prazer de atender, no período da greve.



Mesmo assim faltou muito apoio...

Comando
A gente teve o apoio da Igreja, que foi um apoio mais sério mesmo, mas não foi, porra, nem um décimo daquilo que eu acho que a própria Igreja podia fazer; e depois, veio muito tarde. Inclusive fui eu que disse na brincadeira que os caras tinham dado a extrema-unção para o movimento. Realmente, no dia seguinte do ato ecumênico, a greve acabou. Acho que aquele ato levantou a moral do pessoal assim, eu acho que o final da greve poderia ter sido mais catastrófico ainda se não tivesse sido o ato. Então se aquele ato tivesse acontecido pelo menos uns quinze dias antes, eu acho que teria tido realmente um retomar do negócio. É claro que a gente conta, por exemplo, com o fato de que Caxias não tem bispo. O bispo chegou agora, no final da greve; eu acho que ele se colocou muito bem dentro do movimento. Mas naquela época ele ainda não era oficialmente o bispo da Diocese. Caxias pertencia à Diocese de Petrópolis, com um bispo reacionário que não estava ligando para essas coisas. Na Diocese do Rio de Janeiro, tentei ir ao Cardeal. Mas o apoio da Igreja no Rio de Janeiro ficou muito fraco; e é a Diocese maior da região, poderia ter dado um grande apoio ao movimento. Do ponto de vista político mesmo, o D. Eugênio não falou uma vírgula em lugar nenhum, nem um programa de rádio, nem em jornal, nem em porra nenhuma, sobre a greve da Fiat. Não falou nada, simplesmente não se pronunciou. Na greve dos médicos agora, ele já está querendo até ser intermediário...
Do lado das esquerdas tradicionais, eu acho que há todo aquele problema do cara dar um apoio só onde ele pode faturar politicamente em cima daquele negócio. O movimento da Fiat tem uma característica muito interessante, que é essa independên-



Leal na campanha de sindicalização

cia. Então as organizações de esquerda, vai mas não vai, faz aquele mínimo para não dizer que não apoiou e não ter depois como nego dar porrada. Em relação ao PT, por exemplo, pô, é um partido onde a gente também está... E os caras, ou não estão entendendo porque realmente vive fora da realidade dos trabalhadores, ou não estão querendo entender, que eu acho que é pior. Realmente os caras das organizações de oposição não entenderam a profundidade do movimento da Fiat, o que realmente ele estava representando naquela hora dentro do movimento operário do Brasil e até do mundo mesmo. Então, você encontrava um cara que aqui dizia uma coisa e quando você ia cobrar na prática, nego nada. Teve nego que dizia: "não, você pode vir aqui no sindicato que aqui a gente roda o material". Quando tu chegava lá, não tinha papel, não tinha o diretor, o outro não podia autorizar, só com a ordem do outro, não sei o que. Então você encontrava em muitos sindicatos, mesmo os de líderes autênticos e tal, a mesma burocracia que você encontrava no sindicato da gente, e que era uma desgraça. Para você fazer uma coisa, passava por 10 diretores. A burocracia é ótima para enterrar qualquer movimento. Então eu acho que, com esse movimento da Fiat, a gente teve oportunidade de ver realmente que existe muito papo furado em termos de estar comprometido com a luta dos trabalhadores.

Comando

Você vê, o Lula ficou de vir aqui dar apoio político, chamamos ele umas 5 vezes, a gente achava que era muito importante ele vir. Ele ficou de vir mas não veio. Outras autoridades ficou de dar apoio e, na realidade, o apoio significativo que a gente teve foi da Igreja, que culminou com aquele ato ecumênico. Só que

naquele ato ecumênico, sinceramente a gente não estava em condição assim de assimilar mesmo certas coisas. A gente se emocionou muito, e depois...

Comando

Eu acho que realmente a luta da Fiat é a luta que todo mundo tinha que ter apoiado exatamente porque não estava representando nenhuma facção política organizada - o que não quer dizer que o pessoal trabalhador da Fiat não tenha posição política.

Qual é o grupo que estava fazendo greve na Fiat? Era o grupo dos operários da Fiat! Então se realmente não se apoiou é porque sentiram que não era possível faturar politicamente em cima do movimento da Fiat. Inclusive a gente se armou um pouco contra esse tipo de oportunismo que poderia surgir dentro do movimento, tanto da parte da pelegada e da Unidade Sindical como também da parte de outros grupos; a gente sabia que iria pintar esse tipo de coisa. E agora aparecem caras que criticam a gente porque a gente foi muito fechado aos apoios. Mas foi fechado como? Porque a gente não deixou que fosse criado o tipo de comitê que saísse por aí dando entrevista em nome do movimento, ou dizendo que a greve da Fiat tem que ir para aqui, tem que ir para lá? É esse tipo de coisa que eles gostam de fazer e que a gente realmente não aceitou. A gente pode até estar errado, desde que eles nos convençam; até agora não estamos convencidos que estamos enganados.

Em cima disso aí que o companheiro terminou de colocar, quando ele diz "eles não entenderam ou não quiseram entender", eu discordo. Eu discordo porque na verdade eles entenderam. É que eles queriam controlar o movimento da Fiat e não conseguiram. Ficou claro isso numa reunião depois do julgamento da legalidade da greve. Nós fizemos uma reunião na segunda-feira com todas entidades, sindicatos e tudo mais. Então foi colocada uma proposta da Unidade Sindical, de que fosse feita uma votação e um comitê do qual só participariam entidades.

Quer dizer, nessa proposta eles não queriam que o pessoal que estava apoiando mas que não fazia parte de entidade nenhuma, participasse dessa votação e nem do comitê. Queriam isolar esse pessoal que já estava participando junto com a gente.

Então seria um comitê que tinha capacidade, tinha condição de entrar em contato com artista, com esse negócio todo, mas que ia passar por cima do comando de greve, ia orientar o comando de greve. Quer dizer, ia passar por cima dos princípios da gente, que eram: "todo poder ao peão". Ora o peão é que estava fazendo greve, então a gente jamais ia abrir mão desses princípios. Os peões da Fiat ia levar o movimento até o fim da greve, desse o que desse. Ou se a gente fosse vitorioso ou não, isso não interessava para a gente. Nós estava numa greve, era uma greve por tempo indeterminado, não tinha tempo marcado para terminar a greve até que fosse atendidas as nossas reivindicações. Podia durar uma semana, podia durar um mês, isso aí não importava para nós; mas o peão da Fiat era que tinha que levar a greve. A gente não recusava nenhum apoio mas também não ia permitir que os apoios passasse por cima do comando de greve. E o que eles queriam era exatamente ao contrário: era que o comitê de apoio que eles iam formar fosse controlar o comando de greve da Fiat. Ficou claro isso naquela reunião.

Que eu me lembre, das entidades que foram propostas para compor a coordenação do comitê de apoio, era a FAFERJ, a FAMERJ, o MAB, a UNE, a UEE, uma representante da Unidade Sindical e um representante de cada partido político. Esse era o comitê, o resto (inclusive os outros sindicalistas) seria uma plenária, como chamavam.

Comando

E a gente quebrou o pau e não aceitamos aquilo ali, não aceitamos nem o voto por entidade nem o comitê de entidades. E colocamos mesmo: "para nós, quem está trabalhando aqui e apoiando a gente até hoje, é as pessoas individuais, o pessoal independente aí; este é que é o pessoal que realmente está garantindo o apoio, até agora. Então não vai ser agora que a gente vai entregar as coisas nas mãos de vocês; nós não vamos aceitar essa proposta. Para nós aqui não importa que o cara seja entidade ou não seja entidade, o que importa é que esteja trabalhando com a gente". Como já era 11 horas da noite, a gente resolveu fazer uma reunião separada e tomar uma posição que foi a seguinte: "bom, a única forma que a gente vê de encaminhar o negócio é formar dois comitês de apoio. Vocês ficam com o comitê de entidades que vocês sugeriram aí; e nós vamos então fazer um outro comitê com todo mundo que quiser participar, que seja de entidade, que seja independente, que seja o diabo". E foi o que funcionou.

E foi gozado por que isso era numa segunda-feira, e eles marcaram uma reunião desse comitê de entidades para quarta-feira daquela mesma semana, no sindicato dos rodoviários. E nós fomos. Aí, chegando lá, tinha uns cinco caras; foi um blá, blá, blá, deu 10 horas da noite e não se tirou coisa nenhuma, e ficou marcada uma reunião para segunda-feira seguinte. E a gente já nem foi mais lá, quer dizer, não funcionou coisa nenhuma daquilo ali. Era exatamente o que eles queriam fazer: eles tomarem o comando, esvaziarem tudo e o negócio ir pro brejo.

Comando

A pelegada da Unidade Sindical junto com o sindicato elaboraram 20 mil cópias de um bônus fantasma, em apoio à greve da Fiat; e até hoje nós não vimos o dinheiro. Sem contar o Manuel Correa, que é do Hora do Povo também, e que passou um livro de ouro na Assembléia Legislativa, num encontro de deputados, senadores, sei lá o que. Esse livro deu umas 20 assinaturas que renderam 40 mil cruzeiros; e até hoje a gente está esperando esses 40 mil. O dinheiro que ele entregou para a gente foi o que? 3 mil cruzeiros. E muitos vereadores depois chegou para gente e disse: "não, eu assinei, eu assinei 2 mil", "eu assinei 3 mil". Quer dizer, só em dois vereadores passou de 3 mil cruzeiros, foi 5 mil. E o restante? eles enfiaram no bolso até hoje.

Comando

Então, o movimento estava isolado politicamente. E economicamente não tinha condição de se manter; mesmo isso que o companheiro coloca, de que a gente tinha alimento, eu não sei... eu acho que a gente mal conseguia alimentos. Fora o acúmulo de problemas das famílias dos grevistas que estava chegando para o comando: era problema de aluguel, era problema de prestação, problema de luz, problema de gás, problema de água. E nós não tínhamos condição nenhuma de resolver esses problemas. No mínimo, a gente tinha que ter, pelo menos, um salário para cada peão, o que significava ter 80 milhões de cruzeiros. E nós conseguimos arrecadar 2 milhões de cruzeiros em todos os 42 dias de greve! Quer dizer, era incrível a disparidade dessa quantia em relação à necessidade dos trabalhadores, e a gente não tinha condição de suprir, não tinha mesmo.

A questão da sobrevivência e a luta na fábrica**Comando**

Eu acho que uma das coisas que hoje impede que o movimento lá dentro da Fiat cresça, não é falta de disposição dos companheiros de lá não. Eu acho que uma das reivindicações que tem que constar como primeiro item de todas as pautas de reivindicações não é a questão do desemprego, é a questão da estabilidade. Porque o ânimo de luta existe, mas é que nem eu ouvi um educador falar outro dia num programa de televisão: "num país onde os caras se preocupam com a sobrevivência, não pode haver ideologia". Realmente é o que acontece. Os companheiros na fábrica estão preocupados com a sobrevivência; disposição de luta, eles têm realmente, estão aí, estão sabendo das formas de oprimir da Fiat; mas eles não têm estabilidade de emprego. Então está criado o impasse. Os companheiros lá têm toda a consideração, têm um bruto respeito pela comissão interna. Agora, com todo esse bruto respeito, eles tem as pressões das esposas, aquelas pressões todas; e a gente também respeita essas pressões, porra, não vamos cobrar dos companheiros: "vocês tem que parar hoje".

Então, se a gente cresce no sentido de conseguir estabilidade, porra, a gente garante essa luta, não a nível só da Fiat não, a nível de muitas outras fábricas — porque a gente vê que também em outras fábricas os caras têm disposição de luta, e se a luta não cresce é pela questão da sobrevivência. E essa questão é fundamental, companheiros. Hoje a gente vê aí uma crise fantástica, a gente não pode comprar nada. Se o cara estando empregado, já é difícil para ele sobreviver, para comer arroz e feijão, você imagina agora o desempregado!...

Então a falta de estabilidade é um inimigo muito grande que a gente tem, é uma barreira que a gente encontra quando está comprometido com a luta aí, com a "emancipação" — essa é uma palavra que um cara aí é que usa, eu não gosto muito não: "emancipação do operário"...

Então acho importante que todo mundo divulgue e coloque a questão da estabilidade; essa merda tem que existir no Brasil, porque a partir do momento que existir a estabilidade no emprego, ninguém segura o movimento dos trabalhadores não. A gente vê os caras de outras firmas, a Cosigua, por exemplo, que é uma firma que centraliza um montão de operários: tem nego revoltado ali que trabalha numa calorina ferrada, filha da puta, mas que limita seu espaço de luta porque tem que garantir a sua sobrevivência. A mesma coisa acontece na Fiat hoje: os caras têm uma disposição de luta tremenda, têm uma visão política, têm uma consciência de que esse sindicato atrelado não representa os anseios da classe porque a política deles é do diálogo (no primeiro dia de greve, os pelegos do sindicato queriam negociar, queriam dialogar; a massa não) quer dizer, a política dele é a do falso diálogo.

Agora, a nossa política é a seguinte: patrão só entende as coisas quando as máquinas param. Mas se eu paro, o que acontece? Fico desempregado de repente, minha família fica no relento, vou sofrer. As vezes o cara tem até consciência de que realmente parar as máquinas é a única forma de luta contra o patrão, contra esse capitalismo. Mas ele sofre pressões, ele tem uma responsabilidade com a família dele. Então a gente se esbarra muito nesse aspecto da estabilidade.

SINDICATO DOS METALÚRGICOS: ENTRE OS PEÕES E A FIAT

Essa greve só está dando prejuízo ao sindicato

Então no vigésimo quinto dia de greve, o diretor do departamento jurídico do sindicato, o Martinho, chegou para gente e disse: "Pô, essa Fiat vai acabar a greve quando?" A gente disse: "não, a greve não é da Fiat, a greve é dos trabalhadores da Fiat". E ele: "Pois é, os trabalhadores da Fiat vai acabar essa greve quando?" Aí a gente dissemos: "quando as reivindicações forem atendidas". Ele falou: "Bom, essa greve só está dando prejuízo ao sindicato e isso que está construído aqui, foi eu que construí, isso não é de vocês não; vocês da Fiat estão usando; amanhã ou depois a repressão chega aqui dentro e quem vai segurar somos nós, porque vocês vão correr do pau". E aí nós dissemos: "não vamos correr do pau, nós sempre encaramos tanto o diretor ou o patrão da empresa, como vocês os pelegos. Porque então que nós vamos correr da polícia? Nós não vamos correr da repressão não, nem tampouco da intervenção. Vamos continuar atuando aqui dentro para tomar da intervenção". Aí, passou.

Mas nesse mesmo vigésimo quinto dia de greve, nós havíamos feito uma reunião com o Pimentel e parte da diretoria do sindicato, e nessa reunião foi decidido que o rapaz que controlava toda a contabilidade da greve teria necessidade de ficar até mais tarde naquele dia para elaborar todo o documento de contabilidade e apresentar conta aos apoios, inclusive para não virem cobrar querendo saber em que estava sendo gasto o dinheiro recebido.

Mas à meia-noite, o Pimentel e parte da diretoria foram embora. E esse mesmo Martinho que havia dito que na hora da intervenção a gente corre do pau, chegou e disse: "Bom, vocês vão desocupar a sala do sindicato agora, porque se não nós vamos chamar a polícia para evacuar essa sala". Na sala, estavam o Geraldo e o Djalmir (que era o responsável pelo controle contábilístico da greve). Então esses colegas falaram: "Bom, a diretoria decidiu que nós vamos continuar esse trabalho até terminar". E aí foi um pega que quase saiu briga mesmo, e os companheiros acharam melhor sair e voltar no outro dia para poder reassumir os trabalhos. No outro dia era sábado; tudo bem, trabalharam até tarde.

A expulsão do sindicato: agredidos e agressores

Comando

Por outro lado, chegando no final da greve já, no quadragésimo terceiro dia de greve, eles publicaram no jornal (nem disseram pessoalmente!) que a gente deveria desocupar as dependências do sindicato que estivessem ocupadas pelo comando de greve, porque a greve já tinha se acabado e não havia motivo nenhum para ter comando de greve nas dependências do sindicato. Então, nós reunimos e fomos para o sindicato às 10 horas da manhã, para tirar todo o nosso material de lá e levar para a subdelegacia em Xerém, que pertence aos trabalhadores da Fiat e não à classe em geral.

Então, nesse mesmo dia, na hora em que a gente estava descendo com o material, o Martinho desceu as escadas junto com o Jorge Ferreira, Manuel Ferreira, Ivo, dizendo: "é, vocês são uns vândalos, são uns baderneiros e uns anarquistas. Que política como a que vocês fazem, nós fazemos muito melhor". A gente até ri, claro, acho até uma piada. Aí, viemos aturando aquilo pela escada abaixo do quarto andar até o primeiro andar. Chegando lá embaixo, ficou só o Martinho, e ele começou a discutir com um colega nosso dizendo: "vocês tem é que ir embora mesmo, porque vocês já deram prejuízo máximo à categoria, e amanhã ou depois a categoria exige do sindicato lutas mais vantajosas do que essa, que são lutas econômicas (você olha a colocação dele) que são lutas econômicas, e vocês já danificaram e levaram a zero o sindicato com uma intervenção. Então foi bom vocês desocuparem, vocês têm que sair mesmo, arrumar rapidinho e não tem nem que olhar para trás". Então aquele colega, exaltado também por problema de tensão, por ter sido demitido por justa-cause, perguntou a ele: "porque você nunca procurou reivindicar o que é do interesse da classe dos trabalhadores de um modo geral, e hoje fica expulsando os trabalhadores aqui de dentro?" O Martinho pegou, meteu a mão no peito do colega, empurrou o colega para lá, o colega caiu e quando se levantou já estava certo que queria revidar o empurrão; aí o Martinho meteu a mão no bolso e arrancou uma navalha de uns 15 centímetros. Dizem que é um canivete, que parecia mais um facão. E avançou em cima do colega. Então nesse dia foi aquela confusão toda. Inclusive um companheiro tomou o canivete da mão dele, a gente ficamos cego, nem sabe quem foi mesmo que tomou o canivete porque foi um bufufu tremendo.

No outro dia, eles colocaram nos jomais que a comissão da Fiat massacrou a diretoria do sindicato dentro do próprio sindicato: quer dizer, nós, de agredidos, passamos a ser agressores, não é? É um troço completamente inverso.

Quatro horas de terror

Comando

Mas a repressão que eles fizeram não parou aí, eles ainda não se sentiram satisfeitos.

Na 6ª feira dia 26 de junho, alguns companheiros haviam viajado para São Paulo, para o encontro da CONCLAT, encontro de oposição, um ato público que ia haver na Praça da Sé em São Bernardo. E eu, Leal, Antônio, Pedro estávamos na subdelegacia, reunidos com 3 mulheres, discutindo a Associação: a forma como a Associação deveria lançar a proposta de associar, qual seria a mensalidade, como é que a Associação iria trabalhar no caso de um companheiro demitido, que apoio mútuo seria esse que a gente estaria programando dar, e tudo o mais. Inclusive já estávamos discutindo que não deveríamos ficar ali só discutindo, e sim deveríamos convocar a diretoria do sindicato pra ir ali tomar conhecimento do que a gente estava fazendo.

Aí, às 9 horas da noite, chegou a pelegada do sindicato, desde o Pimentel até o último suplente da diretoria — troço inédito, porque eles nunca conseguiram reunir toda a diretoria, nem

mesmo para a campanha de eleição. Mas eles conseguiram reunir para reprimir os trabalhadores naquele dia.

Chegaram às 9 horas, entrou parte da diretoria com o Manoel Ferreira na frente e o Divino dizendo: "Viemos para conversar e para dialogar... A gente não viemos pra brigar nem tampouco pra bater em ninguém". Quer dizer, ele já lançava ali a intenção dele de *bater*, não de lutar, mas de bater. Nós ficamos numa tensão filha da mãe.

Então, começou a reunião, e nós discutindo com eles... Eles colocaram claro que queriam saber da situação da delegacia e que nós deveríamos desocupar a delegacia de Xerém. Eles ali conversando, falando besteira, e os companheiros exaltados também, falando com eles e dizendo: "não, vocês têm que assumir que nós somos demitidos e vocês têm que respeitar a gente aqui dentro".

Colocamos para eles que a gente estava ali, não como invasores, mas como Comitê dos demitidos recebendo todos os apoios que pudessem chegar para nós, isto é, para os 250 demitidos mais os da justa-cause. Aí o presidente do sindicato disse: "Bom, agora vocês estão com uma nova mentalidade, porque até então vocês eram invasores". Eu falei: "Nunca. Qual foi o dia que vocês procuraram a gente para discutir? Nós estamos dispostos a procurar vocês, mas vocês estão com a repressão lá, armados de unhas e dentes; com cacetes, revólveres na mão e facas pra reprimir e matar qualquer um de nós". Eu falei isso e chamei eles de fascistas, que eles foram uns traidores que traíram não só o Comando de Greve da Fiat, não só a Comissão Interna, mas traíram todo trabalhador, toda a categoria, porque fizeram um negócio por trás da cortina com os patrões, assinando o acordo e dando o direito para os patrões botarem a Comissão na rua sem direito a nada; e o próprio Expediente — que é o advogado do sindicato — redigiu esses documentos junto com o Costeira que é o advogado da empresa, para demitir esses trabalhadores.

Então quando eu falei isso num tom mais agressivo, mais grosso, dando pancada em cima da mesa mesmo, eles chiaram. E aí entrou a "nuvem preta", o pessoal do Hora do Povo.

E a subdelegacia é como essa sala aqui: tem uma janelinha cheia de buraquinho e uma porta de entrada e saída. Eles imprensaram a gente num canto, e como é que a gente ia sair? Aí ficou todo mundo ali, discutindo.

Então nós começamos a discutir num nível mais controlado, para evitar um troço maior; porque a gente viu que ali estava toda a diretoria e suplentes do sindicato com mais de 60 companheiros, quer dizer, que se dizem companheiros...

Estavam ali e queriam era tomar a delegacia sindical e expulsar os trabalhadores.

Eles não precisavam nem ter brigado. Mas baixaram a porrada em 3 colegas nossos; um deles agrediu verbalmente uma senhora grávida que estava junto com a gente, uma senhora grávida de 8 meses, dizendo que ela era a chefe, que ela é que mandava naquilo ali e que ela não aguentava porrada, porque a porrada que ele dava num homem ele dava também numa mulher, mesmo grávida de 8 meses. Em resumo, eles cismaram de tomar a delegacia através dessa briga toda. Arrancaram o revólver e esfregaram na cara de um colega nosso, um revólver 38

que continha balas dum-dum, que é aquela bala que a gente já conhece, uma bala perigosa que entra dentro do corpo do cara, estoura lá dentro e o cara morre.

Então a repressão deles se deu nesse nível aí. Passaram 4 horas dentro da subdelegacia, fazendo pavores e terrores dentro de uma sala sem saída porque a saída eles tinham bloqueado.... Apagavam as luzes.

Então o Rildo Souto Maior que é o advogado veio e falou que tinha elaborado, junto com o Pimentel, um esquema (de cachaca!), um acordo de que essa comissão que estava dentro da subdelegacia deveria pedir ao sindicato para manter a subdelegacia no nosso poder, na nossa mão.

Discutimos e depois nós assinamos uma folha e eles assinaram a outra. Aí terminou esse papo. Então, crenes que tudo tinha terminado, a gente disse: "Vamos embora?" E eles: "Vamos embora". Nós falamos: "Então vocês saem na frente que a gente do Comando vamos sair depois".

Aí o Jorge Ferreira, diretor do Departamento Cultural do sindicato, e o Manoel Ferreira do Departamento Médico, chegaram dentro da subdelegacia de novo e disseram: "A gente não vai sair daqui enquanto não baixar o cacete e botar vocês pra fora". E o Jorge: "Porque eu estou aqui com mais de 15 trabalhadores da GE e eles estão disposto a dar porrada em vocês". E o Manoel Ferreira: "Nós queremos beber o sangue de vocês". Chegaram dentro da subdelegacia e falaram: "Não, vocês vão sair é no peito".

E dali começou o bafafá. Foi quando um deles saiu para fora da subdelegacia e desgraçou a dar tiro nos pneus dos carros, e mais uma vez aterrorizando e atemorizando os trabalhadores que estavam ali dentro.

Então, brigaram muito, houve espancamento, eles tentaram dar cadeirada e nós seguramos, não deixamos... Quer dizer, nós não saímos de cabeça baixa de dentro da subdelegacia, mesmo depois dos tiros que eles deram. Cercaram as três ruas que davam acesso à subdelegacia com kombis e carros. Estragaram realmente a nossa alimentação, jogaram fora, esparramaram tudo no momento em que apagaram as luzes...

Foi isso aí a repressão deles. E a gente já conhece eles; esse pessoal do Hora do Povo todo é acostumado a baixar o cacete na gente. E a gente está preparado para tudo isso aí; sabemos que eles jamais são representantes dos trabalhadores e sim são uns repressores diretos dos trabalhadores de um modo geral.

Peão

No meu entender, o sindicato, para a Fiat, acabou.

O sindicato não existe. Se ele fizer qualquer convocação, não vai comparecer uma pessoa; pode ser que apareça alguns que são desligados, mas acredito que não vai comparecer ninguém. O sindicato para o pessoal da Fiat, acabou.

Confiança na liderança sindical, não existe nenhuma mesmo. Nem confiança no sentido de que eles representam a classe, nem confiança no sentido de consultar o sindicato sobre qualquer problema que a gente tenha.

O que se vê é elementos bêbados, irresponsáveis, que só falam besteira.

AVALIAÇÕES DA GREVE

A greve alertou o operário que está sendo demitido

Peão

Eu particularmente acho que a greve foi vitoriosa e teve suas derrotas.

Para mim, talvez a vitória não seja tanto para os empregados da Fiat. Talvez para nós tenha havido realmente desvantagens. Mas eu acho que a greve serviu para quebrar todo esse esquema que a FIESP, a FIRJAN, a direção patronal, a direção sindical, estavam preparando, serviu para fazer uma política contra a política salarial deles. Acho que a greve tirou um certo entusiasmo que essa gente tinha porque alertou o operário que está sendo demitido hoje: como nós vimos, os operários da Ford já copiaram a gente, fizeram a mesma coisa que a gente.

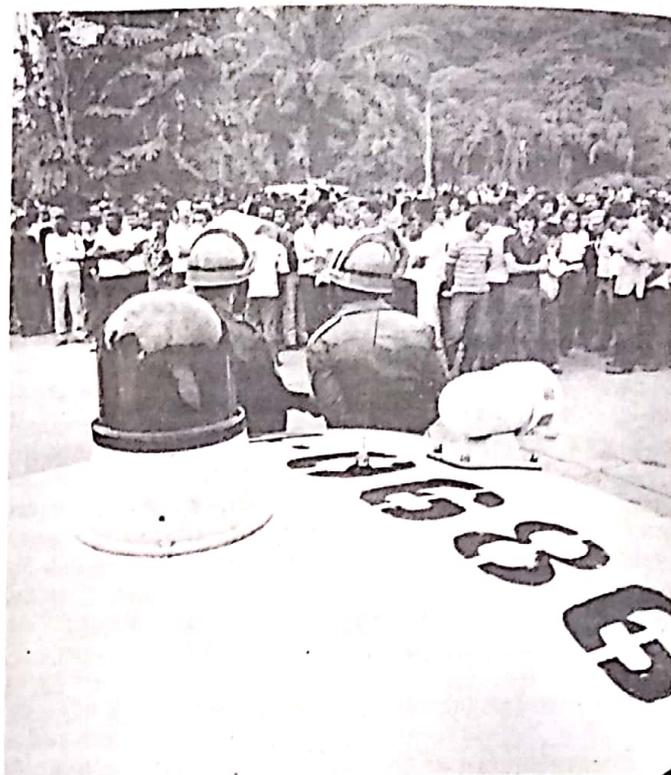
Eu acho que isso foi uma vantagem nossa. Não do pessoal da Fiat, mas em termos nacionais. E eu acho que a gente teve alguma vitória porque, apesar da repressão que houve sobre o operário, a gente não se intimidou.

Peão

Fazendo uma avaliação assim das vantagens, eu acho ainda que uma coisa que nós levamos vantagem foi o seguinte: no período de 4 meses, vamos ter essa garantia de emprego, porque a gente não tinha garantia nem de um dia. A gente sempre estava esperando chegar na fábrica e não encontrar nem o cartão no quadro. Então a gente agora tem essa esperança de mais 4 meses; e se mandar embora depois, a gente ganha mais 4, mais 3, mais 2, mais 1 mês. Aí a gente já sai mais ou menos prevenido, já dá um tempo para a gente se prevenir. Eu, por exemplo, espero ser mandado embora depois dos 4 meses; mas pelo menos já saio mais prevenido. Antes, se me mandassem embora, ia me pegar desprevenido. Outra coisa, eu acho que o mais importante da greve também foi chamar atenção do governo para esse tipo de círculo vicioso que estava se formando no Brasil: a Volkswagen acusando situação de decadência, a Fiat também, outras firmas também, quer dizer, fazendo o mesmo tipo de jogo para ganhar concessões e subsídios do governo, para deixar o nosso país mais na derrota, mais endividado. Porque se a gente der subsídios a eles, o que acontece? Os lucros deles vão para o exterior e cada vez a gente vai ficando mais dependente dos outros.

Não quer dizer que isso não vai continuar, mas pelo menos chama a atenção. Só se eles (o governo) não quiserem mesmo ouvir, porque o que foi que houve? Foi uma firma que se diz estar em decadência aguentar 40 dias de greve (e aguentaria mais), e as outras firmas que se dizem decadentes ajudando também essa firma a não ceder o que os operários estavam pedindo... E o que é que os operários estavam pedindo? Não era salário. O que eles estavam pedindo era a estabilidade do emprego ou, pelo menos, a garantia de estar empregado.

A gente vê que o que existe não é uma crise, o que existe é uma política querendo derrubar esta política salarial de agora. É o que parece. Eles acham que essa política salarial não dá uma vantagem para eles ter lucro a curto prazo, eles querem logo ter um lucro X. E quando eles pensam que o INPC vai ser de 30%, é de 40%, e então eles já têm que tirar do lucro. Então o jogo deles é nessa base de jogar abaixo essa política salarial e de começar de novo os aumentos só de ano em ano.



A polícia cumpriu papel destacado durante a greve

Última Hora, RJ



Apesar da repressão, uma greve vitoriosa?

Outra vantagem da greve é a Fiat ter que reconhecer que as demissões que eles estavam fazendo eram arbitrarias. Tanto é que já readmitiram elementos que eles já tinham demitido, que estavam incluídos naqueles 185. Readmitiram pessoas que já estavam próxima de se aposentar, pessoas que tinham defeito físico adquirido lá dentro da fábrica, que já têm uma idade avançada.

A demissão da comissão é a única derrota

Peão
Eu também considero a greve uma vitória.
Eu só considero realmente uma derrota: a demissão da comissão. Vai ser difícil a gente adquirir uma comissão igual àquela.

Peão
É a única derrota.

Peão
Para mim, todo o resto foi vitória: a participação mútua que nunca existiu; a duração que nunca existiu também. Então eu considero a greve vitoriosa. Só a experiência que a gente ganhou já é uma vitória. Porque a gente não sabia de muita coisa e agora fica sabendo: a maneira como a gente organizar dentro da greve, a experiência... Então para mim a greve foi vitoriosa. Só a experiência que a gente ganhou já é uma vitória. Porque a gente não sabia de muita coisa e agora fica sabendo: a maneira como a gente organizar dentro da greve, a experiência... Então para mim a greve foi vitoriosa. Só teve uma derrota, que foi o afastamento da comissão...

Peão
Essa foi a derrota mesmo. A única coisa que não poderia acontecer.

Peão
Inclusive eu acho o seguinte: que a gente abandonasse todas as reivindicações, e brigasse só pela volta da comissão. Seria muito mais interessante.

Agora está tudo desarrumado. Hoje o café da tarde chegou às quatro e meia lá no setor, o café da manhã só chegou quase 11 horas. Está uma bagunça. E vai continuar assim...

Peão
Eu não sei... Vamos dizer, se as pessoas da Comissão ainda estivesse dentro da firma e fosse necessário fazer uma outra greve, aí eles teriam apoio da categoria porque estariam dentro da categoria.

Agora, da forma como eles estão agora, só quem pode apoiar eles é o próprio operário. Só o próprio trabalhador pode apoiar. Porque... as Igrejas podem apoiar fazendo o que? Dando esmola? Não é isso que eles querem. A única coisa que pode apoiar eles, ainda é o operário: não só da Fiat, é qualquer operário.

Peão
A volta dessa Comissão interna que foi demitida depende novamente da união dos operários. O Giannini, de vez em quando, falava: "Nós podemos ser presos a qualquer momento, mas a greve não deve parar, vocês devem continuar a greve". Então eu, de vez em quando, falo com o pessoal lá dentro, deveria entrar na cabeça de todos que a gente devia cismar assim, parar e dizer: "Nós queremos a Comissão novamente, senão vamos continuar parados ou senão a fábrica manda embora". Só assim pode resolver a volta da Comissão; do contrário, apoio só de fora não vai resolver.

Politicamente, uma greve vitoriosa?

Comando
Eu achei que, para a gente, a greve não foi politicamente vitoriosa. Não foi vitoriosa nem politicamente e nem no aspecto das reivindicações. Porque você vê, a gente faz a greve de 42 dias reivindicando a volta de 250 companheiros, e acaba indo embora mais 49. Você vê que, politicamente, ela poderia ser vitoriosa se, no mínimo, a comissão interna retornasse à fábrica. Aí já teria um aspecto político de vitória.

Eu avalio essa greve no seguinte: ela teve um aspecto contra o problema do desemprego. A situação que a gente enfrentou — que enfrentou todos os patrões do Brasil — não é a situação só da Fiat, a questão do desemprego é igual em toda a classe trabalhadora. E a gente não teve o apoio de todos os trabalhadores do Brasil. Então para a gente, politicamente, a greve já teve assim um aspecto de mostrar às outras classes trabalhadoras que só esse tipo de organização é que vai combater essa situação de desemprego; quer dizer, só o tipo de greve mais ampliada é que pode combater os empresários. Não é uma greve isolada de uma fábrica que vai combater.

Porque andando você segura uma fábrica, vai contra tudo... encontra os patrões organizados, briga contra a pelegada, contra o Ministério do Trabalho e o caramba a quatro. Quer dizer, nessa hora eles se uniram todinho porque o grande interesse deles era o seguinte: tirar de vez a comissão interna de dentro da fábrica.

Comando

Por outro lado, eu discordo do companheiro; não vou dizer que discordo, foi uma posição que ele colocou, ele acha que não teve vitória. Eu acho que, politicamente, nós tivemos uma grande vitória. Demos um passo, tivemos uma grande experiência de como continuar o movimento e mostrar para os patrões do que nós somos capazes. Isso porque, antes da fábrica demitir os 185, nós da comissão vínhamos parando no portão da fábrica e animando o pessoal: "a Fiat diz que vai demitir 30% do quadro, 30% do quadro representa 960 trabalhadores". Não era os 300 companheiros que acabou sendo os demitidos, era para ser 960. Então, para mim, conseguimos uma vitória política e econômica, porque conseguimos breicar todas essas demissões que a fábrica ia fazer e que ia ser de 30% do quadro.

Então por aí eu digo que, em meu ponto de vista, a greve foi politicamente vitoriosa: breicamos as demissões dos 960. A fábrica demitiu 250 e mais 50 por justa-causa (o Leal nós incluímos como um dos que foram por justa-causa). Então faz 300. E os outros 660, onde é que estão? Não estão garantidos lá dentro? Trabalhando? Então, isso é que eu digo, foi uma greve vitoriosa, foi uma política vitoriosa. Porque a gente reivindicava politicamente, e não economicamente. Política e social, foi vitoriosa a nossa greve. São 660 que estão lá dentro. Os 300 que estão na rua estão passando necessidade, mas já estão mobilizando um comitê de desempregados, um comitê contra o desemprego. Já foi criada uma comissão provisória e, dessa comissão nego está tentando expandir, fazer com que os desempregados tenham um apoio, tenham inclusive como arrumar emprego mais facilmente.

Comando

Então o outro aspecto político vitorioso da greve, aquele dele que eu estava falando, para mim, é o seguinte: a Fiat demitiu esses 49 trabalhadores (50 com Juvenal) por justa-causa. Mas, por um lado, ela espera que desses 50 demitidos por justa-causa

sa, os 11 da comissão entrem na justiça. Porque aí, o que é que ela faz? Ela readmite os outros 39 e diz: "bom, agora os 11 da comissão vão ter que esperar; botaram na justiça, então agora têm que esperar o julgamento da justiça. Então esses nós não vamos readmitir".

Mas a comissão não se antecipou e não entrou na justiça ainda justamente porque os próprios trabalhadores — e nisso aí entra o aspecto político — os próprios trabalhadores chegaram para a gente e pediram para que a gente não botasse na justiça e esperasse até agosto porque eles iam incluir na pauta de reivindicações, e junto com a ajuda da comissão interna, a readmissão da comissão. Não a readmissão dos 50, porque os outros 39 nós tinha certeza que a fábrica ia readmitir — conforme já está readmitindo. A fábrica já readmitiu 6 trabalhadores dos que levaram justa-causa. Outros 15% vão ser readmitidos justamente pelo chavaco que há entre sindicato, Ministério do Trabalho e empresa.

Comando

Olha, não sei se dá para a gente fazer uma avaliação assim nacional. Eu acho que, no final, a greve da Fiat realmente estava sendo um movimento discutido até a nível nacional. A gente recebia apoio, recebia comunicações dos lugares mais distantes

desse país, dos cantões lá não sei de onde, dizendo que nego se reuniu lá para discutir o negócio, estava querendo apoiar de alguma forma e tal. A greve mexeu realmente. Agora, eu não sei como é que os trabalhadores dos outros lugares estão avaliando, seria importante até se a gente pudesse saber, quem sabe, dar uma girada por aí para sentir isso.

Eu imagino o seguinte: tirando pela avaliação que os trabalhadores da Fiat faziam da greve de 80 do ABC, eu acho que para o trabalhador conta muito realmente aquelas coisas que são vitória concreta. Eu me lembro, por exemplo, que depois da greve do ABC, mesmo dentro da Fiat que era uma fábrica que tinha um acúmulo de experiência em todo esse negócio, o pessoal comentava muito que o movimento de São Bernardo tinha sido um movimento derrotado. Porque foi essa imagem que a televisão, que os jornais, etc., transmitiu para o povo, para o povão. Então eu imagino que o pessoal hoje também deve estar vendo a greve da Fiat — que, em termos de reivindicações, saiu muito mais ferrada ainda do que São Bernardo — como uma greve derrotada; eu imagino que realmente os trabalhadores devem estar sentindo na pele a derrota das reivindicações da Fiat, da mesma forma que, se ela tivesse sido vitoriosa, eu imagino que o movimento operário no Brasil estaria hoje dando um passo largo.

Siglas

- ABC Cidades de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul em São Paulo
- CIPA Comissão Interna de Prevenção de Acidentes
- CONTAG Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura
- FAFERJ Federação das Favelas do Estado do Rio de Janeiro
- FAMERJ Federação das Associações de Moradores do Estado do Rio de Janeiro
- FIESP Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
- FIRJAN Federação das Indústrias do Rio de Janeiro
- FNM Fábrica Nacional de Motores
- INPC Índice Nacional de Preços ao Consumidor
- INPS Instituto Nacional de Previdência Social
- MAB Movimento de Amigos de Bairro de Nova Iguaçu (RJ)
- PM Polícia Militar
- SENAI Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
- SP Serviço de Pessoal
- TST Tribunal Superior do Trabalho
- TRT Tribunal Regional do Trabalho
- UEE União Estadual dos Estudantes
- UNE União Nacional dos Estudantes